

TECENDO MEMÓRIAS
E AUSÊNCIAS

A arte como resistência
e sobrevivência

Conselho Editorial Educação Nacional

Prof. Dr. Adolfo Ignacio Calderon – PUC/Campinas
Prof. Dr. Afranio Mendes Catani – USP
Prof. Dr. Altair Alberto Fávero – UPF/RS
Profa. Dra. Carina Maciel – UFMS/MS
Prof. Dr. Diego Bechi – UPF/RS
Profa. Dra. Edineide Jezine – UFPB
Profa. Dra. Egeslaine De Nez – UFRGS/RS
Profa. Dra. Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira – Unicamp/SP
Prof. Dr. Elton Luis Nardi – Unoesc/SC
Prof. Dr. Gildenir Carolino Santos – Unicamp/SP
Prof. Dr. João dos Reis da Silva Junior – UFSCar/SP
Prof. Dr. José Camilo dos Santos Filho – Unicamp/SP
Prof. Dr. José Vieira de Sousa – UnB/DF
Profa. Dra. Lara Carlette Thiengo – UFVMG – MG
Prof. Dr. Lindomar Boneti – PUC/PR
Prof. Dr. Lucidio Bianchetti – UFSC/SC
Profa. Dr. Ignacio Calderon – PUC/SP
Profa. Dra. Maria Abadia da Silva – UnB/DF
Profa. Dra. Maria de Lourdes Pinto de Almeida – Unoesc/Unicamp
Profa. Dra. Maria Tereza Ceron Trevisol – Unoesc/SC
Profa. Dra. Maria Vieira Silva – UFU/MG
Profa. Dra. Margarita Victoria Rodrigues – UFMS/RS
Profa. Dra. Marilda Pasqual Scheneider – Unoesc/SC
Profa. Dra. Marília Morosini – PUCRS/RS
Prof. Dr. Paulo Almeida – UFPA/PA
Prof. Dr. Renato Dagnino – Unicamp/SP
Profa. Dra. Romilda Teodora Ens – PUCPR/PR
Profa. Dra. Rosane Sarturi – UFSM/RS
Profa. Dra. Vera Jacob – UFPA/PA

Conselho Editorial Educação Internacional

Prof. Dr. Adrián Ascolani – Universidad Nacional de Rosario/Conicet/Argentina
Prof. Dr. Adrian Cammarota – IDES/Argentina
Prof. Dr. Antonio Bolívar – Universidad de Granada/Espanha
Prof. Dr. Antonio Cachapuz – Universidade de Aviero/Portugal
Prof. Dr. Antonio Teodoro – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias/Portugal
Prof. Dr. Enrique Martínez Larrechea – IUSUR/Uruguai
Profa. Dra. Fatima Antunes – Universidade do Minho/Portugal
Prof. Dr. Geo Saura – Universidad de Granada – Espanha
Prof. Dr. Jaime Moreles Vazquez – Universidade de Colima/México
Profa. Dra. María Carmen Lopez Lopez – Universidade de Granada/Espanha
Profa. Dra. María Cristina Parra Sandoval – Universidad del Zulia/Venezuela
Profa. Dra. María Rosa Misuraca – Universidad Nacional de Luján/Argentina
Profa. Dra. María Verónica L. Guerrero – Pontificia Universidad Católica de Valparaíso/Chile
Prof. Dr. Mariano Fernandez Enguita – Universidad de Madrid/ Espanha
Prof. Dr. Norberto Lamarra – Universidad Trés de Febrero – Argentina
Profa. Dra. Olga Cecilia Diaz Flores – Universidad Nacional Pedagógica – Colômbia
Prof. Dr. Pablo García – Universidad Trés de Febrero/Argentina
Profa. Dra. Patricia Viera Duarte – Universidad de la Republica/Uruguai



Rita Isabel Vaz

TECENDO MEMÓRIAS
E AUSÊNCIAS

A arte como resistência
e sobrevivência

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vaz, Rita Isabel

Tecendo memórias e ausências : a arte como resistência e sobrevivência / Rita Isabel Vaz. – 1. ed. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2023.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-688-9

1. Ciências políticas 2. Ditadura militar 3. Memórias
4. Resistência I. Título.

23-148032

CDD-320.98108

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Ditadura militar : História política

capa: Studio Rotta Design Gráfico

gerência editorial: Vanderlei Rotta Gomide

preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

revisão final da autora

bibliotecária: Eliane de Freitas Leite – CRB 8/8415

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 3

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.

É proibida sua reprodução parcial ou total sem a autorização prévia do Editor. O infrator estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

*A todos que lampejaram
e lampejam em tempos sombrios.*

Sumário

Apresentação **9**

Bernadette Maria Panek

Introdução **13**

Vaga-lumes sobreviventes **17**

O imperativo da arte de resistência **21**

Memória e arte se encontram
com a autora **25**

Artistas contra a ditadura
empresarial-militar **29**

Compreender e tecer memórias **39**

Do texto à instalação **43**

A palavra dos vaga-lumes **55**

Um ponto de não conclusão **59**

Memórias tecidas **61**

Referências **75**

Apresentação

A história da exclusão clama por memória
“...meu país é meu lugar de fala”
Elza Soares

“Se uma nação não pode enfrentar seu passado, não tem futuro”
Ai Weiwei

A publicação do livro de Rita Vaz *Tecendo memórias e ausências: a arte como resistência e sobrevivência* propõe uma discussão como ato de perseverança, uma análise de períodos delicados com os quais nos deparamos. Oferece, por meio de uma visão poética, criativa, um momento para entrarmos em contato com um pedacinho escabroso de nossa história. Nos mostra entre pesadelos e maravilhas, a necessidade de nossa história ser lembrada. Entre muros de imposição e pontes oferecendo passagem, os fatos históricos precisam ser observados, resgatados. Muitos episódios ocorridos no passado são evitados pela memória, difíceis de confrontar, mas absolutamente necessários de avaliações constantes e atualizadas, em circunstância contrária nos esvaziam de narração. Nos encontramos em tempos tão difíceis, de liberdade ameaçada. Os espaços conquistados encontram-se em posição de alerta, se não estivermos constantemente, atentos à narrativa da história corremos o risco de perdermos grande parte das conquistas absorvidas com sofrimentos carregados de tantas dores e perdas. Damos voltas e mais voltas e retrocedemos à mesma questão, aos regimes totalitários, tristes acontecimentos.

Com a intermediação de um processo poético Rita Vaz questiona as informações arquivadas do passado

político e social não relatadas ou meramente evitadas. Apresenta uma pesquisa teórica e prática, dentro do campo das artes, enquanto envolve a comunidade a também investigar, interrogar, a deixar uma mensagem sobre a problemática autoritária, ditatorial do esquecimento. A artista se atreve a trazer para sua pesquisa a dor de familiares e amigos de combatentes vencidos. Envolve a arte, enquanto questiona a civilidade do ser humano. Solicita a criatividade sensitiva, enquanto ousa pesquisar a dor daqueles que ficaram com a perda de alguém que se foi, não porque escolheu ir-se, mas assim foi determinado por um governo que se encontrava num processo de construção de autoridade opressiva. Trata da liberdade usurpada. A arte de Rita mobiliza, instiga, recorda, traz à tona, nos entristece, nos preenche por meio da coragem, de tanta admiração.

Sua proposta comove inúmeras pessoas espalhadas pelo nosso país, instiga diferentes seres criativos a realizarem um pequeno e singelo bordado, porém carregado de fatalidades, sobre uma simples almofada. Uma ação que contribui à memória do esquecimento, ao homenagear as ausências impostas à nossa sociedade. Sua proposta artística as clamou a oferecerem pequenos afetos, mínimos em tamanho, mas amplos em intensidade de conteúdo humano, compassivo. A trazer um abraço amigo numa pequena/grande instalação colaborativa quando propõe publicamente em página digital aberta, a participação para cooperar através da ação em bordar afetuosamente uma almofada. Ato que pretende lembrar os desaparecidos, um a um, de uma ditadura empresarial-militar brasileira longa e por desconhecimento ou conveniência, ignorada, esquecida. Por meio de bordados de inúmeras mãos repletas da dor da saudade, da dor da ausência, traz à história a necessidade da lembrança, não

esquecer para que a história não se repita. Para não perdermos mais uma vez a liberdade de expressão, os direitos adquiridos com inúmeras lutas e danos fatais.

Rita fala sobre a necessidade de uma arte de resistência, enquanto utiliza como referência o conceito de história proposto por Walter Benjamin a fim de construir uma relação entre nosso passado e a crise mais uma vez autoritária do presente. Busca nas reflexões do filósofo a problemática da história associada à estratégia do esquecimento explorada por governos controladores, autoritários. Investiga o conceito de resistência a partir da obra “A sobrevivência dos vagalumes” do filósofo francês Georges Didi-Huberman como um dos indicadores para abordar a memória, as ausências e as forças de oposição e a pequena esperança de sobrevivência da luta por meio da metáfora das luzes de vagalumes, essa pequena e vibrante luz em meio à escuridão da noite. Cita Eduardo Galeano para lembrar da morte “igualadora, que com igual cortesia trata o mendigo e o rei”.

Na instalação une as pequenas almofadas, uma a uma, com fios vermelhos, encarnados de sangue, linhas atadas tão fragilmente, metáfora da condição humana, simbologia da luta, da fragilidade da união pela sobrevivência contemporânea. As linhas seguidamente fazem o papel de fronteira, aqui entre as bucólicas construções, tecem, constroem uma narrativa potente em meio à trama de memórias e ausências impostas no decorrer de nossa história. Insere também um manequim vestido inteiramente de negro, trajado de luto, símbolo daquelas inúmeras mães que perderam seus filhos numa luta solicitando apenas, nada mais do que a liberdade de expressão. As almofadas aparentemente são alegres, coloridas, artefato singelo, enquanto carinhosamente solicita uma cabeça para descansar. Objeto que nos leva à metáfora de

conforto, ornato, maciez, proteção. Porém, cada um deles contém um nome e sobrenome com respectiva data de morte e nascimento, as idades ao serem lidas uma a uma, vão impressionando o leitor atento, a grande maioria é de jovens, representam a ausência permanente de uma geração inteira, da qual resta apenas a saudade interminável, imutável. Cada uma das peças traz também no bordado uma imagem como tributo individual, entregando identidade aos desaparecidos, ou mesmo alguns temerários dizeres: “Ousar lutar. Ousar vencer”. Não mais censura! Tortura nunca mais! Na instalação na sala da Universidade Federal do Paraná, as almofadas deitam sobre um tecido avermelhado, rubro, na figura de um leito de sangue, quando ao final nos deparamos com a representação do luto, na obra “...só queria embalar meu filho...”. A figuração da mãe encravada de negro, direcionada à rede vazia, desejando abraçar o filho desaparecido. A obra de Rita Vaz acarreta, inserido em cada detalhe, a relevância do conhecimento da história, não negar as atrocidades acontecidas, para jamais voltarem. Protesta pelo resgate da memória, clama por liberdade.

*Bernadette Maria Panek**

* É artista plástica, pesquisadora e professora associada da UNESPAR, Curitiba Campus I. Especialista em História da Arte pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná/Embap. Mestrado em Poéticas Visuais e Doutorado em História da Arte pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Pós-doutorado, no Departamento de Escultura da Universidad del País Vasco/EHU.

Introdução

Mil cores exhibe a morte no cemitério de Chichicastenango. Talvez as cores celebrem, nas tumbas floridas, o fim do pesadelo terrestre: este sonho mau dos mandões e mandados que a morte acaba quando de um só tapa nos despe e nos iguala. Mas no cemitério não há lápides de 1982, nem de 1983, quando foi o tempo da grande matança nas comunidades indígenas da Guatemala. O exército atirou esses corpos no mar, ou na boca dos vulcões, ou os queimou sabe-se lá em que valas.

As alegres cores das tumbas de Chichicastenango saúdam a morte, a Igualadora, que com igual cortesia trata o mendigo e o rei. Mas no cemitério não estão os que morreram por querer que também a vida fosse assim.

(Galeano1981[2004, p. 314])

Este trabalho em poéticas visuais tem o propósito de demonstrar o percurso da produção de um texto articulado a uma obra. Busco tecer uma rede, entrelaçando artistas que atuaram na construção da resistência no período da ditadura empresarial-militar brasileira¹ (1964-1985) com as pessoas que hoje revelam as memórias daqueles tempos. Intento elaborar uma narrativa utilizando o conceito de história, de Walter Benjamin (1985[1994]), na relação construída entre passado e presente e as abordagens de memória, ausência, resistência e sobrevivência, de Georges Didi-Huberman (2011[2014]), relacionadas à figura do vaga-lume. Concomitantemente, concebo

1. Melo (2012), a partir da leitura de Dreifuss (1981), sugere a utilização da expressão *ditadura empresarial-militar* para dar conta da participação das classes dominantes na articulação conservadora para a derrubada do Governo João Goulart.

uma obra autoral que dialoga com esses conceitos e com a produção de artistas de referência: Gustavo Germano (2015) e Leila Danziger (2017). Almejo, por intermédio da arte, recuperar memórias, lamentar ausências, registrar sobrevivências e animar resistências.

Apresento um relato que leva em conta a conjuntura do momento histórico que hoje vivemos no Brasil e a relaciona à história dos “anos de chumbo”. Contextualizo as distintas manifestações artísticas, nas diferentes linguagens, que representaram resistência à ditadura empresarial-militar, apresentando obras contestadoras. Relaciono a produção de artistas, naquele período, com as exposições havidas recentemente, após a instituição da Comissão Nacional da Verdade (2011).² Quatro exposições recentes demarcam a relação entre arte e política: “Ausências” (2015); “*Hiatus: a memória da violência ditatorial na América Latina*” (2017-2018); “Resistir É Preciso” (2014) e “Não Matarás” (2017). As duas primeiras foram realizadas no Memorial da Resistência, em São Paulo; “Resistir é Preciso”, no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), do Rio de Janeiro, e “Não Matarás”, no Museu de Arte Moderna, em Brasília.

A obra autoral, uma homenagem aos desaparecidos e desaparecidas, se constituiu de duzentos e quarenta e três bordados, e contou com a colaboração voluntária de oitenta e nove bordadeiras e cinco bordadores, de nove estados do Brasil. Para concretização da proposta,

2. A Comissão Nacional da Verdade foi criada em 2011 com a finalidade de apurar violações de direitos humanos durante o Regime Militar de 1964 a 1988. Foram ouvidas vítimas, testemunhas e agentes da repressão. Em 2014, a comissão entregou seu relatório final.

criei uma página de divulgação no *facebook*.³ Aos que responderam o chamado, enviei tecidos, um resumo do projeto e as biografias dos desaparecidos e desaparecidas. Os tecidos foram bordados e acompanhados de cartas, *e-mails*, mensagens de *whatsApp* relatando a experiência e a motivação dos participantes. Estes bordados compõem a obra; as manifestações das bordadeiras e dos bordadores respondem, amorosamente, o objetivo inicial de provocar intervenções sobre este período por intermédio da arte.

O processo de pesquisa resultou na elaboração da obra e do texto, intrinsecamente ligados, acontecendo de forma simultânea, em permanente diálogo. Jean Lancry (Lancry, *In*: Brites e Tessler 2002) define o procedimento do pesquisador em artes plásticas, enfatizando a necessária articulação entre a pesquisa poética e a construção teórica, entre o conceitual e o sensível, a razão e o sonho. Como assinala Lancry (2002), o trabalho plástico relaciona-se ao teórico de tal forma que ao longo do processo um modifica o outro.

O diálogo estabelecido entre teóricos que trataram dos conceitos de memória, ausência, resistência e sobrevivência, articula-se aos artistas de referência que apresentaram obras que tratam dos mortos(as) e desaparecidos(as), por ação da ditadura empresarial-militar. Ao longo da narrativa, foram construídas trajetória e poética singulares que aludem ao momento histórico e às possibilidades de resistência.

A arte pode ser uma rede, um lampejo, para sobrevivermos e resistirmos às intempéries.

3. Página Tecendo Memórias e Ausências. Disponível em: <https://www.facebook.com/tecendomemoria>.

Vaga-lumes sobreviventes

No ano de 2018, o AI-5¹ completará 50 anos e vivemos um período de grande retrocesso em relação às liberdades individuais e de organização, inclusive com manifestações favoráveis à intervenção militar. Em contrapartida, penso que a arte deve acender seus lampejos, como vaga-lumes sobreviventes, recordando para os que esqueceram, e mostrando para os que não viveram, o que representou na vida das pessoas a ditadura empresarial-militar.

Em tempos de exceção – seja entre 1964 e 1985, seja hoje –, nos quais direitos são retirados, faz-se imprescindível que a arte e todas as demais atividades humanas representem, façam, exerçam resistência. O conceito de resistência encontra-se discutido por Didi-Huberman em *A Sobrevivência dos vaga-lumes* (2011[2014]). O autor fala em resistência da arte a uma ordem vigente, como fagulhas contrapondo-se aos holofotes do fascismo, usando a metáfora dos vaga-lumes como luzes fugidias que aparecem na escuridão da noite para iluminar e alentar a humanidade. Discorre sobre a vida e obra de Pier Paolo Pasolini [1922-1975], fazendo referência a uma carta que o cineasta escreveu para um amigo, em 1941, na qual descreve a beleza das luzes emitidas pelos vaga-lumes numa noite em que celebrava a amizade e a juventude. Vivendo tempos sombrios, a frágil e intermitente luz irradiada pelos vaga-lumes encheram a noite de esperança. Trinta e quatro

1. O Ato Institucional nº 5, editado em 13 de dezembro de 1968, suspendeu liberdades individuais, eliminou o equilíbrio entre os poderes e deu atribuições excepcionais ao Presidente da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ait/ait-05-68.htm. Acesso em: 02/07/2018.

anos depois, em 1975, no artigo “O vazio do poder na Itália”, posteriormente conhecido como “O artigo dos vaga-lumes”, Pasolini afirma o desaparecimento dos vaga-lumes: “trata-se de um lamento fúnebre sobre o momento em que, na Itália, os vaga-lumes desapareceram, esses sinais humanos da inocência aniquilados pela noite – ou pela luz ‘feroz’ dos projetores – do fascismo triunfante” (Didi-Huberman 2011[2014, pp. 25-26]). Didi-Huberman se contrapõe à tese sustentada por Pasolini, do desaparecimento dos vaga-lumes: “Os vaga-lumes desapareceram? Certamente não. Alguns estão bem perto de nós, eles nos roçam na escuridão; outros partiram para além do horizonte, tentando reformar em outro lugar sua comunidade, sua minoria, seu desejo partilhado.” (Didi-Huberman 2011[2014, p. 160]). Ou seja, a resistência perdura e, apesar de tudo, existe um espaço de oposição. Vaga-lumes somos todos os que emitimos luzes intermitentes e frágeis na escuridão que nos cerca, inventando na noite escura a magia destes voos coletivos e amorosos. Somos os inquietos seres reluzindo delicada e afetuosamente.

Didi-Huberman (2011[2014, p. 45]) questiona-se acerca das possibilidades de sobrevivência dos vaga-lumes que metaforicamente representam a resistência.

Primeiro, desapareceram mesmo os vaga-lumes? Desapareceram todos? Emitem ainda – mas de onde? – seus maravilhosos sinais intermitentes? Procuram-se ainda em algum lugar, falam-se, amam-se apesar de tudo, apesar de todo da máquina, apesar da escuridão da noite, apesar dos projetores ferozes?

Dar visibilidade, por meio da arte, a um período histórico e seus personagens foi o desejo maior; revisitar,